

ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO SUPERIOR EM RELAÇÃO À COMUNICAÇÃO DOS ALUNOS SURDOS

*Flávia Abdon Silveira**

RESUMO

Um dos maiores problemas gerados pelas perdas auditivas observa-se nos efeitos sobre o desenvolvimento lingüístico tanto oral quanto escrito. Sabe-se que, durante a década de 80 e parte da década de 90, crianças surdas, filhas de pais ouvintes que cursaram a Educação Infantil e o Ensino Médio, tiveram como língua de instrução a portuguesa. Portanto, era de se esperar que a habilidade escrita nessa língua, quando os alunos chegassem ao ensino superior, pudesse apresentar condições de registro de idéias e pensamentos de forma que os leitores apreendessem o seu sentido. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi analisar a percepção de professores de ensino superior em relação à comunicação dos alunos surdos, considerando o domínio da língua nas modalidades oral e escrita e o desempenho acadêmico. Dezesete professores participaram deste estudo, no qual utilizamos uma metodologia qualitativa e quantitativa. A coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário e de uma entrevista semi-estruturada aplicada aos sujeitos. Os dados foram categorizados trazendo as idéias apresentadas em narrativas dos professores e descritos de forma literal. Os resultados foram analisados e discutidos à luz do referencial teórico proposto por Minayo (1999). A análise dos dados permitiu concluir que os professores identificaram que a

* Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-2007). Atualmente é fonoaudióloga da Audivida aparelhos auditivos e docente e pesquisadora da Universidade do Vale do Acaraú (UVA).

escrita do surdo universitário de Recife e Olinda evidenciou dificuldades já identificadas por outros pesquisadores em outras cidades brasileiras. Isso nos leva a confirmar que os surdos trazem um histórico de linguagem escrita marcado por lacunas, que se estenderam durante toda sua vida acadêmica, o que demanda, dentre outras alternativas, o uso de novas formas para aprendizagem da língua portuguesa.

Palavras-chave: escrita em português, professor, surdez, universidade.

1. INTRODUÇÃO

A história da educação de surdos no nosso país traz as marcas de uma trajetória desenhada desde o século XVI. No entanto, somente a partir do século XX, é que as perspectivas educacionais consideraram as filosofias: oralismo, comunicação total e bilingüismo. Todas reconheceram a importância da escrita alfabética para a inserção do surdo na cultura geral do seu país, e como principal ponte para a comunicação com o mundo dos ouvintes.

A abordagem bilíngüe, tendência atual da política educacional brasileira e mundial, é definida por Goldfeld (1997) e Triadó (1999) como o uso alternativo de duas línguas por parte de um indivíduo ou de um grupo social que, no caso dos surdos brasileiros, representa o domínio da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa. Essa abordagem ressalta a importância do uso de duas línguas (1ª e 2ª) para o aprimoramento da produção escrita, sendo fundamental que os aprendizes surdos tornem-se conscientes de sua condição bilíngüe (QUADROS, 1997; RAMPELOTTO, 1995; ALMEIDA, 2000).

Para a grande maioria dos surdos nascidos de famílias ouvintes e, por conseqüência, expostos inicialmente à língua portuguesa oral,

observa-se que eles incorporam fragmentos dessa língua e constituem, juntamente com gestos, expressões faciais e movimentos corporais, uma linguagem partilhada com os familiares.

Embora cheguem à escola com algum tipo de linguagem, raramente essas crianças, não-usuárias de uma língua de sinais, dispõem de uma língua constituída que lhes possibilite se relacionar com outros interlocutores, bem como de constituir o conhecimento de mundo.

A educação de surdos tem se apresentado como um desafio devido às dificuldades que se impõem no próprio processo educativo/reabilitativo. Por esse motivo, nota-se que é um problema não restrito ao fato de a criança ser surda, mas algo mais amplo e que pode gerar conseqüências imprevisíveis ao seu desenvolvimento, caso não lhe ofereçam condições de acesso a uma língua, preferencialmente, de forma natural.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi analisar a concepção dos professores de ensino superior em relação à comunicação dos alunos surdos, considerando o domínio da língua portuguesa nas modalidades oral e escrita e o desempenho acadêmico.

2. MATERIAL E MÉTODO

A população da pesquisa foi constituída por dezessete professores de Ensino Superior oriundos de quatro universidades e/ou faculdades das cidades de Olinda e Recife, com experiência, ou não, no atendimento a alunos surdos em suas turmas. Estes alunos deveriam se enquadrar no seguinte perfil: perda auditiva severa/profunda, congênita ou adquirida, até dois anos de vida; ser filho de pais ouvintes e ter tido a língua portuguesa como primeiro contato lingüístico. Do ponto de vista operacional, trabalhamos em dois momentos: 1) abordagem quantitativa: um questionário composto de 12 perguntas, aplicado aos 17 sujeitos participantes; 2) abordagem qualitativa: Os

sujeitos foram os mesmos, os quais responderam a uma entrevista com um roteiro de 10 perguntas abertas.

A análise do material coletado foi realizada a partir do cruzamento dos dados referentes ao perfil do professor e dos alunos. Os dados foram apresentados através de tabela e gráficos com frequência simples.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Perfil dos professores de Ensino Superior, segundo a experiência profissional com alunos surdos

Levando em consideração a experiência com alunos surdos, apenas oito professores possuíam esta vivência. Esse dado pode ser explicado em função da dificuldade de acesso dos surdos à universidade, o que mostra que, apesar do longo tempo de ensino, a prática docente com esses alunos ainda é pequena. Em relação à LIBRAS, apenas três professores são fluentes nessa língua. Esses dados vieram a corroborar com os estudos de Dorziat (1999), que revela a falta dessa língua durante a formação profissional.

A média da aprendizagem da LIBRAS ocorreu por volta dos 16 anos de idade. Nota-se, com isso, que a aprendizagem nessa língua foi muito tardia. Alguns autores, tais como Quadros (1997) e Lacerda (2000), afirmam que o contato da criança com a língua de sinais desde a infância permitirá a ela um desempenho melhor em todas as áreas do saber, em relação àquelas que não tiveram língua de sinais em seus primeiros cinco anos de vida.

Segundo os professores, todos os alunos surdos tiveram a língua portuguesa como primeiro contato lingüístico, haja vista todos serem filhos de pais ouvintes que também não aprenderam a língua de sinais quando crianças. Esses dados corroboram com os estudos de Quadros (1997), segundo os quais a maioria das crianças surdas, fi-

lhas de pais ouvintes, são expostas primeiramente ao contexto da oralidade.

Tabela 1.1: Comunicação oral x contato prévio do professor com alunos surdos em Recife e Olinda – 2008, segundo categorias:

Comunicação oral	Contato prévio do professor	
	Sim	Não
Professor não se comunica oralmente	0	6
Professor se comunica por LIBRAS	3	0
Apresenta dificuldade na articulação	1	0
Apresenta dificuldade na sintaxe	1	0
Apresenta dificuldade na articulação e sintaxe	3	3
Total	8	9

Fonte: Pesquisa direta

De acordo com as respostas encontradas, seis professores da primeira categoria que informou não se comunicar oralmente com seus alunos surdos, nunca haviam tido contato prévio com eles. Desta maneira, esses docentes procuravam ter mais cuidado, ou seja, olhavam para os alunos e falavam com mais articulação; entretanto, alguns destes afirmaram que, apesar de tentativas de uso da língua portuguesa, a interação professor/aluno não existiu. Esses professores, em geral, não foram informados sobre a presença do surdo, e sem estarem preparados para tal, sentiram-se impotentes e incompetentes para lidar com eles. O enfrentamento, sem preparação prévia, de uma aula com aluno surdo, geralmente causa muitas dificuldades.

Em relação às três últimas categorias, tanto os professores que haviam tido contato prévio, como os que não tiveram, relataram que os alunos que conseguiram se comunicar oralmente apresentavam dificuldades, tanto no nível da articulação, como também ao nível da sintaxe.

Levando em consideração o que foi observado pelas respostas dos professores, a articulação de consoantes foi a mais indicada pelos professores. Esse fato se justifica por existir maior dificulda-

de em articular sons com ausência do traço [+ soante]. Isso quer dizer que a sonorização espontânea é um traço importante na facilitação articulatória dos sons pelos surdos, visto que está presente nas vogais, nas líquidas, nas glides e nas nasais, que são classes naturais de fonemas mais iniciais no processo normal de aquisição da linguagem oral (SILVA, 2002). Além disso, outra dificuldade pode estar envolvida na questão da articulação das consoantes: no caso das obstruintes, aquelas mais anteriores (/f/, /v/, /b/, /p/, /m/) são de mais fácil visualização articulatória, enquanto que as mais posteriores oferecem pouca pista visual, como no caso das palatais e alveolares.

Tabela 1.2: Comunicação escrita x contato prévio do professor com alunos surdos em Recife e Olinda – 2008, segundo categorias:

Comunicação escrita	Contato prévio do professor	
	Sim	Não
Escrita espontânea melhor que direcionada	0	0
Escrita direcionada melhor que espontânea	7	5
Não soube informar	1	4
Total	8	9

Fonte: Pesquisa direta

Na segunda categoria, tanto os professores que tiveram contato prévio com alunos surdos, quanto os que não tiveram, foram semelhantes em suas respostas. Para a grande maioria dos dois grupos de professores, a escrita com roteiro proporciona ao surdo uma melhor expressão de suas idéias. O aluno consegue ser mais fiel ao que é solicitado e o produz mais estruturadamente, uma vez que procura seguir uma ordem pré-estabelecida. Já que a ênfase no aprendizado do surdo está voltada para o estudo do vocabulário e para a memorização das regras da gramática tradicional, fato que pouco contribui para a formação do leitor e do produtor de textos (KARNOPP, 2002). Dessa maneira, há uma dificuldade do surdo em

construir, mas quando é dada alguma orientação nessa escrita, eles se desenvolvem melhor.

Tabela 1.3: Trabalhos orais x contato prévio do professor com alunos surdos em Recife e Olinda - 2008, segundo categorias:

Trabalhos orais	Contato prévio do professor	
	Sim	Não
Desempenho satisfatório	6	0
Desempenho insatisfatório	2	4
Não realizam esta atividade	0	4
Total	8	8

Fonte: Pesquisa direta

Em relação à primeira categoria, pudemos observar que, dos seis professores que referiram ter o surdo um desempenho satisfatório, fazem parte os professores que já haviam tido contato prévio com eles. Para esse grupo, os surdos são bastante esforçados e ainda comentaram que, por permitir o uso de construções mais complexas quando se expressam em sua própria língua, esse tipo de atividade os ajudou a poder fazer uso da língua de sinais na realização da apresentação e permitiu uma comunicação lingüisticamente mais eficiente.

No entanto, a maioria dos professores que informaram que o desempenho dos alunos foi insatisfatório, enquadra-se no grupo que não havia tido contato prévio com eles. Os docentes comentaram que, mesmo fazendo uso da LIBRAS, a explanação do assunto tornava-se repetitiva.

Em relação ao desempenho na escrita, independentemente da prévia experiência com surdos, todos os professores dos dois grupos foram unânimes ao informar que seus alunos apresentavam dificuldades sintáticas e semânticas. Para eles, essas dificuldades na escrita do surdo em LP demonstram confusão na construção da regra e no sentido da palavra. Segundo Góes (1999), o desempenho de alunos surdos na produção escrita mostra-se inferior ao de ouvintes em rela-

ção a indicadores de caráter sintático e semântico – ou de amplitude lexical, revelando uma tendência a restringir o texto a informação simplificada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do material coletado trouxe a possibilidade de oferecer algumas reflexões por meio das concepções dos professores universitários sobre a comunicação do aluno surdo que frequenta as instituições acadêmicas, considerando o contexto bilíngüe adotado no Brasil, no qual temos, preferencialmente, a adoção de duas línguas: LIBRAS e língua portuguesa na modalidade escrita formal.

A partir do que foi revelado pela maioria dos profissionais que não tiveram contato prévio, pudemos dizer que estes permaneceram se comunicando oralmente com seus alunos surdos, tentando falar o mais articuladamente possível, bem como fazendo uso de outros artifícios para ajudar nesta interação, como a escrita e gestos, e isso decorreu do desconhecimento da LIBRAS.

Os questionamentos sobre a escrita em língua portuguesa dos surdos, apresentados pelos professores (tanto os que já haviam tido contato prévio como os que não tiveram), demonstraram que foram mais diretamente ligados à interpretação de textos, embora haja dificuldades quanto a “erros” muito freqüentes, desde que se considere a variante culta da língua portuguesa. Isto afeta, por diversas vezes, dois aspectos importantes para que haja uma melhor compreensão do texto: a coesão, que é a harmonia interna entre as partes de um texto, garantida por ligações de natureza gramatical e lexical entre os elementos de uma frase ou de um texto; e a coerência, que é relação lógica entre idéias, situações ou acontecimentos.

Dessa forma, para os entrevistados sem contato prévio, a escrita dos surdos é muito difícil de ser entendida, já que se mesclam elementos primordiais que fazem parte da estrutura lingüística da LP: seja na

ordem de estruturação da frase, seja no uso inadequado de verbos, de preposição, omissão de conectivos e verbos, seja na falta do domínio de estrutura de coordenação e subordinação, uso de frases curtas e rigidez lexical, assim como com relação ao vocabulário restrito.

A escrita direcionada em língua portuguesa foi considerada por todos os professores como de melhor qualidade do que quando ele escreve livremente, já que oferece um norte para as idéias do que tem de escrever. Dessa forma, os professores relataram ter consciência de que a dificuldade nesta modalidade na língua não surgiu na universidade, mas ao longo de toda uma história escolar. O desconhecimento da estrutura da Língua Portuguesa é um problema que vem de toda uma trajetória lingüística, devido à forma como esse português foi transmitido ao surdo. Portanto, no tocante à análise sobre o texto escrito, a maioria dos professores comentou que, pelo fato de não ouvirem a fala dos ouvintes, ou ainda pela dificuldade de interpretação do texto, isso limita o acesso ao farto domínio do léxico, assim como ao acervo de idéias dos escritos dos seus alunos surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E.O.C. **Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

DORZIAT, A. **Bilingüismo e surdez: para além de uma visão lingüística e metodológica**. In:

SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Volume I. Porto Alegre: Mediação, 1999, p.29-40.

GÓES, M. C. R de. **Linguagem, Surdez e Educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 1999.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

KARNOPP, L.B. **Língua de sinais e língua portuguesa em busca de um diálogo.** In: LODI, A C.B. et al (org.) *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002, p.56-70.

LACERDA, C. B. F. **A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos.** *Cadernos CEDES*, Campinas, v.50, n.20, p. 70-83, abr.2000.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

RAMPELOTTO, E.M. **O produto da educação de surdos.** Curitiba: Secretaria de Educação, Departamento de Educação Especial, 1995

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo, SP: Contexto, 2002.

TRIADÓ, C. **Educación temprana y kenguaje em los niños sordos.** In: Skliar (org.) *Atualidades da educação bilíngüe para surdos*. V.1. Porto Alegre: Mediação, 1999.